

## ACERCA DO ELEMENTO MASCULINO E DO ELEMENTO FEMININO: NOTAS SOBRE AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Suzana Alves Viana<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Psicanalista, Professora,  
Membro do Departamento  
Formação em Psicanálise  
do Instituto Sedes  
Sapientiae

O título deste comentário vem a propósito de um capítulo do livro de Meltzer, "A Apreensão do Belo" (1995), cujo nome é "A respeito das primeiras impressões", onde diz:

"Nosso crescente respeito pela mente inconsciente enquanto locus do pensamento criativo ainda não abrangeu a questão vital: qual seu papel na discriminação e no julgamento" (p.58).

Mais à frente, citando Hasllitt, escreve: "As primeiras impressões são freqüentemente as verdadeiras, como descobrimos (não raramente) às nossas próprias custas, quando somos seduzidos a nos distanciarmos delas por ações estudadas e discursos plausíveis. O olhar de um homem é o trabalho de anos, estampado em seu semblante pelos eventos de toda a sua vida; não ... mais do que isto, pela mão da natureza e não se libera disto facilmente" (p.58).

Poderíamos acrescentar que esse é o olhar de quem vê pela primeira vez, de quem tem a primeira impressão, um olhar que ainda vê o estrangeiro e o estranho, em quem o trabalho da consciência, enquanto entidade que julga, não teve, ainda, o tempo necessário para torná-lo familiar.

É por este vértice que uso de Meltzer para falar de Winnicott, especialmente do que ele traz a respeito do "elemento feminino puro" e "elemento masculino puro".

É também por querer chamar a atenção de vocês para o que se constituiu em mim como uma primeira impressão: algo difícil porque, paradoxal, de um lado requer um trabalho de consciência, um **fazer** para poder se tornar comunicável, e, de outro lado, trata-se de comunicar o que se faz acontecer como impressão.

O que da primeira impressão não quero perder é este caráter fugidio do inexplicável, daquilo que é sem precisar se justificar.



Entretanto, ao mesmo tempo preciso "explicar" para que possam me entender.

Como parecia ser do seu próprio gosto, Winnicott costumava deixar determinadas afirmações com a força produtora de um impacto, mas que exigiam de quem as ouvisse uma construção própria para terminar por lhes dar um sentido.

Sei do risco que corremos, qual seja, o do uso de nossa atividade pensante, atividade de consciência para familiarizarmos o efeito do estranhamento/estrangeiramento, pasteurizando o pensamento do autor.

Por outro lado, acredito também que o funcionamento de nossas mentes, quando se propõe a decifrar os enigmas da experiência e das sensações humanas, pode mostrar uma beleza que lhe assegura a confiabilidade: a beleza da mente em seu próprio funcionamento.

Portanto, para lhes trazer um pouco das minhas primeiras impressões sobre o texto de Winnicott, gostaria de ser capaz de reter dele um modo de **ser** que não se perdesse no **fazer** do meu trabalho com vocês.

Vamos à tentativa.

Para Winnicott o elemento feminino puro é de ordem do ser, o bebê em primeiro lugar é o seio, ele não tem a constituição de um lugar não-eu que se contraponha ao ser que ele é: o seio.

Isto para Winnicott se constitui fora do campo da pulsionalidade; o que ele quer dizer é que apenas a partir da integração num *self* que inclui a existência em separado de um "não-eu" é que a vida pulsional pode começar a existir. "Não há id antes de ego."

A integração já constitui em si mesmo algo a ser conquistado.

No estado de não integração o bebê não tem eu, nem não-eu, não tem objetos, não tem metas, não tem intencionalidade. Portanto, o bebê só pode viver esse estado se houver uma reciprocidade do ambiente que deverá estar ali para acolher esta profunda dependência.

Neste sentido, Winnicott discorda de Klein quando ela afirma que a constituição do eu implica necessariamente um não-eu, lugar que abriga a pulsão de morte que não pode habitar o ser em constituição naquele momento. O bebê kleiniano é muito mais ativo, ele livra-se da pulsão, daquilo que o ameaça, através de defender-se pela projeção: é mais "masculino".

Para Winnicott, se o bebê precisar fazer este trabalho antes de



ter a experiência de ser ele será um bebê mutilado. A psicose está relacionada com isto.

Winnicott também dá uma resposta a Freud, naquilo que diz respeito ao “repúdio à feminilidade” presente nos dois sexos.

Helena B.Viana (1995) mostra como a definição de “masculino” e “feminino” é praticamente impossível no que se refere às origens, quando (como lembra Freud) excluímos os comportamentos, atos e códigos sociais.

Freud “resolve” estas questões através de colocar-se diante de seu aforisma: angústia de castração no menino e inveja do pênis na menina. A sexualidade é definida dentro do campo de pulsionalidade e das identificações edípicas.

Em Winnicott vemos que a constituição do “elemento feminino” e do “elemento masculino” é anterior ao campo da sexualidade.

É no artigo “A criatividade e suas origens”(p.116) que Winnicott apresenta concepções absolutamente originais sobre o “masculino” e o “feminino” na gênese do ser humano.

O que Winnicott chama de elemento feminino puro está relacionado ao ser e o que chama de elemento masculino puro está relacionado ao fazer. Um e outro desses modos de relação está presente nos dois sexos, embora possa haver predominância de um sobre o outro.

A relação do elemento feminino puro com o seio pressupõe o conceito de mãe suficientemente boa e insuficientemente boa; com isto quer dizer que o conceito de adaptação adquire significação quando a mãe fornece ao bebê a oportunidade de achar que o seio é ele ou deixa de fazê-lo. O seio constitui aqui um símbolo do ser.

Em “A criatividade e suas origens”(p.116) Winnicott afirma:

“Ou a mãe possui um seio que é de maneira que o bebê possa ser, quando bebê e seio ainda não estão separados na mente rudimentar daquele, ou, então a mãe é incapaz de efetuar essa constituição, caso em que o bebê tem de se desenvolver sem a capacidade de ser, ou então com uma capacidade mutilada de ser”.

Quando o bebê tem que se haver com uma identificação com um seio que é ativo, ele estará lidando com um seio do elemento masculino. Nesse caso, ao invés de ser como, esse bebê tem que fazer como.

A mãe que é capaz de emprestar seu seio para que o bebê o

seja, “evita que o eu (*self*) “feminino puro” do filho se torne invejoso do seio, visto que para esse filho o seio é o eu (*self*) e o eu (*self*) é o seio. Inveja é um termo que poderia ser aplicável à experiência de um fracasso tantalizante do seio como algo que É” ( id.; *ibid.*; p.117).

Portanto, podemos constatar que Winnicott nega a idéia de uma inveja primária (como quer Klein), mesmo porque, se ela existir, vai ser por um fracasso do seio. Um seio muito ativo, um seio elemento masculino puro sem capacidade de ser talvez fosse um seio que introduzisse demasiado cedo o bebê nas questões que envolvessem o outro, mesmo enquanto fosse um outro projetado. Isto romperia a necessária zona de controle onipotente muito antes do bebê poder estar em condições de começar a lidar com o outro.

O lidar com o outro, mesmo em termos de relação de objeto, já implica numa primeira separação, onde, então, o bebê concebe o não-eu.

Para Winnicott a frustração relaciona-se à busca de satisfação (o que é da ordem da demanda pulsional), ao passo que a experiência de ser relaciona-se à mutilação.

Antes de haver experiência satisfatória ou frustrante, há que haver a experiência. Essa experiência incipiente de ser é o que está na base do “eu sou”, sem a qual nenhum fazer tem sentido. Diz Winnicott:

“Não é exagero dizer que a condição de ser é o início de tudo, sem a qual o fazer e o deixar que lhe façam não tem significado. É possível induzir o bebê a alimentar-se e a desempenhar todos os processos corporais, mas ele não sente estas coisas como uma experiência, a menos que esta última se forme sobre uma proporção de simplesmente ser, que seja suficiente para constituir o eu que será, finalmente, uma pessoa” (Apud, Dias, p. 367).

Por outro lado, a relação de objeto do elemento masculino pressupõe uma separação.

Assim que a organização do ego está disponível, o bebê concede ao seio a qualidade de ser não-eu (ou separado) e pode, então, experimentar satisfações do id que incluem a raiva relativa à frustração. Portanto, as experiências impulsivas só podem começar quando a organização do ego já está disponível.

Helena B.Viana (1995, p.144) mostra que as concepções de Winnicott acerca do “elemento feminino puro” coloca-nos frente a dois grandes paradigmas:

1.A feminilidade primordial, constituindo-se no sentimento de



ser, de existir, da experiência de continuidade, em suma, o simples fato de sentir-se vivo, produto da transmissão de geração a geração, através da relação com a mãe.

2.O “elemento masculino” que, na construção de Winnicott, se segue ao “elemento feminino puro e que se caracteriza pelo paradigma do fazer, onde Winnicott tenta dar conta, com a utilização do verbo fazer, de todas as tonalidades da pulsão, enquanto esta é susceptível de modificações e de transformações.

Gostaria agora de introduzir uma discussão que me surgiu a partir da leitura dos casos clínicos, tanto de Winnicott (1994) como de M. Khan (1984).

Ambos os casos são introduzidos para exemplificar as questões relativas à dissociação do “elemento feminino” e do “elemento masculino”.

O que me chamou a atenção é que a postulação teórica de Winnicott, como vimos, é a de que a constituição do elemento feminino e do elemento masculino se dá antes da estruturação da sexualidade.

Mas, a leitura dos casos clínicos aponta como a sexualidade sofre com a má constituição do elemento feminino puro.

Mostrarei a construção que fiz para procurar compreender o que Winnicott quer dizer. Seguirei o caso clínico de Winnicott, recordando as interpretações do mesmo que funcionaram como interpretações mutativas:

Enquanto Winnicott escuta seu paciente vem-lhe à mente a seguinte interpretação: “Estou ouvindo uma moça. Sei perfeitamente bem que você é um homem, mas estou ouvindo e falando com uma moça. Estou dizendo a ela: você está falando sobre inveja do pênis.”

Após uma pausa o paciente diz: “Se eu falasse a alguém sobre essa moça, seria chamado de louco.”

Winnicott faz a seguinte observação que surpreende a ele mesmo: “Não é que você tenha contado isto a alguém: sou eu que vejo a moça e ouço uma moça falar, quando na realidade, em meu divã acha-se um homem. O louco sou eu.”

Winnicott então nos conta que ele e o paciente foram levados à conclusão (embora incapazes de prová-la) de que a mãe do paciente viu uma menina quando o viu como bebê, antes de passar a aceitá-lo como menino. Diz Winnicott:

“Em outras palavras esse homem tem de ajustar-se àquela idéia da mãe de que seu bebê seria e era uma menina”(p.106).

O que acontecera?

Seguindo Winnicott pensei no seguinte: O paciente, ao fazer a “ex-cisão” do elemento feminino “fez” com que o analista pudesse percebê-lo e devolvê-lo ao paciente, dentro de um contexto em que o mesmo pudesse reintegrá-lo.

O elemento feminino excindido e projetado era no caso a percepção de ser uma mulher: o outro percebe o paciente como mulher.

Poderíamos então nos perguntar: O que falhou na constituição do elemento feminino, nesse paciente, teria sido o fato de sua mãe não ter podido vê-lo como homem?

Creio que não, porque essa colocação contraria o que pensa Winnicott. Ao que tudo indica não existiria, nessa etapa, a constituição de uma sensação de ser homem ou mulher. Como hipótese, suponho que na constituição do elemento feminino puro, base para o sentimento de ser e de existir houve a interferência precoce de uma identificação com uma mulher. Esta identificação precoce foi forçada pelo ambiente, “invadiu” o bebê empurrando-o numa direção de ser, conferindo-lhe uma intencionalidade, uma meta. Isto rompe com a experiência de simplesmente ser.

Suponho que, nesse caso, a mãe não pôde ter também a experiência de ser com seu bebê, não pôde emprestar-lhe o seio para que, confundido com ele, o bebê apenas fosse. A mãe, atravessada pela questão sexual, precisa fazer algo e seu bebê também, ambos precisam fazer um homem para ela.

Dois outros aspectos da teoria do “elemento feminino puro” ajudam-me a continuar construindo o meu entendimento. Winnicott utiliza a expressão “objeto subjetivo” para desvendar o primeiro objeto, “aquele objeto ainda não repudiado como fenômeno não-eu.” Este objeto é o objeto de relação do elemento feminino puro com o seio e desta experiência vai emergir o sujeito objetivo, isto é, a idéia de um *self*, o sentimento do real que surge do senso de se ter uma identidade.

O senso de ser antecede a idéia de ser um só com, porque ainda não existiu nada mais exceto identidade: estamos examinando aqui a relação onde objeto e sujeito são um só.

Aí Winnicott diz: “A expressão ‘identificação primária’ talvez tenha sido usada para designar exatamente isto que estou descrevendo, e estou tentando mostrar quão vitalmente importante esta primeira experiência é para o início de todas as experiências subsequentes de identificação”(1994, p.140).

Sabemos que o termo identificação primária foi utilizado por Freud, como marco inicial da primeira relação com o objeto. Sabemos também que o objeto dessa identificação são os pais fálicos, pais da época em que predomina a onipotência infantil.

Portanto, esse bebê para Freud já está mergulhado na sexualidade infantil.

Para Winnicott esta identificação cria o ser.

Um segundo aspecto permite-nos avançar um pouco mais na concepção de Winnicott para diferenciá-lo dos outros teóricos, particularmente, no que se refere a esta especulação sobre o feminino e o masculino.

Como já dissera, através do elemento feminino puro estabelece-se a mais simples de todas as experiências: a experiência de ser.

"Aqui encontramos uma verdadeira continuidade de gerações, sendo ela o que é passado de uma geração para a outra, por via do elemento feminino de homens e mulheres e dos bebês do sexo masculino e feminino. Penso que isto já foi dito antes, mas sempre em termos de mulheres e meninas, o que confunde a questão. Trata-se dos elementos femininos tanto em homens como em mulheres." (Winnicott, 1994, p.140).

Que conclusão tiramos?

Parece-me, frente a essa leitura, que a constituição do elemento feminino, através da identificação primária, no sentido winnicottiano é da ordem de uma experiência que ultrapassa a experiência ontogenética do sujeito.

A constituição do elemento feminino garante a continuidade de gerações, põe em contato uma geração com a outra.

Estabelece-se como fundação da experiência humana, do sentido do existir, agrega as marcas das gerações que influenciarão a construção do ser que só posteriormente virá a ser homem ou ser mulher.

É da harmonização da constituição dos elementos femininos e masculinos que teremos um ser integrado, que não precisará fazer uma dissociação ou cisão entre os dois elementos, como mecanismo defensivo que o levará a existir, mas de uma maneira manca.

É também desse ser integrado harmonicamente nas suas relações com o feminino e o masculino que poderemos esperar uma existência criativa, que, em Winnicott, é sinônimo de saudável.

Termino por lhes recordar que esta é a construção de uma primeira impressão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, E.O. - Winnicott e as Pulsões, in: *III Encontro Latino Americano sobre o Pensamento de D.W. Winnicott* Anais I, p. 362-371

KHAN, M. - "Ouvir com os olhos: notas clínicas sobre o corpo como sujeito e como objeto"(1971), in: *Psicanálise: Teoria, Técnica e Casos Clínicos*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984.

MELTZER, D.& HARRIS WILLIAMS, M. - "A respeito das primeiras impressões", in: *A Apreensão do Belo*, Rio de Janeiro, Imago, 1995.

WINNICOTT, D.W. - "A criatividade e suas origens" in: *O Brincar e a Realidade*, Rio de Janeiro, Imago, 1975.

WINNICOTT, D.,W. - "Sobre os elementos masculinos e femininos excindidos (split-of)", in: *Explorações Psicanalíticas D. W. Winnicott* ( Winnicott, C., Shepherd, R. e Davis, M. organ.) Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

VIANA, H.C.B. - "De Freud a Winnicott", in: *Winnicott 24 anos depois* ( Mello Filho, J. e Silva, A.L.M.L. organ.), Revinter, 1995.